



**PITÁGORAS**  
ARQUITECTOS

OBRAS RECENTES RECENT WORKS

## PITÁGORAS: AUTORIA E PLURALIDADE PITÁGORAS: AUTHORSHIP AND PLURALISM

Pedro Bandeira

Na sala de espera do atelier Pitágoras Arquitectos podemos ver um poster encaixilhado do Pavilhão de Barcelona de Mies van der Rohe e na sala de reuniões uma imagem do Castelvecchio de Carlo Scarpa. Temos uma conversa informal onde também falamos de Aldo Rossi. Tudo com o devido respeito e distanciamento porque, afinal, "a História não serve... mas serve".

O atelier Pitágoras Arquitectos, de Guimarães, é atualmente constituído por quatro sócio-gerentes: Fernando Seara de Sá (ESBAP, 1984), Raul Roque Figueiredo (ESAP, 1989), Alexandre Coelho Lima (FAUP, 1991) e Manuel Luís Vilhena Roque (FAUP, 1994). Formados num período de reconhecimento internacional da chamada Escola do Porto (Siza recebe o Prémio Mies Van der Rohe em 1988 e o Prémio Pritzker em 1992), o atelier Pitágoras, inicia a sua atividade num período extremamente estimulante para a arquitetura portuguesa, onde o impulso económico motivado pelo crescimento da União Europeia e o debate disciplinar, grandemente mediatizado, possibilitam e expressam a procura de novos e diferentes modos de pensar e fazer arquitetura. Sendo arquitetos formado no Porto, dificilmente acolheriam o pós-modernismo no seu sentido mais formal (e tão fortemente vinculado no território nacional a Tomás Taveira) no entanto, também dificilmente poderiam ignorar a estrutura de um pensamento de certo modo relativista mas sobretudo legitimador da experimentação, da diversidade, ou mesmo da contradição. Todos fomos e somos pós-modernos e só deste modo se compreende que tenha sido precisamente Álvaro Siza a trazer Frank Gehry à FAUP para uma conferência que deixou muitos (os mais papistas que o papa) perplexos.

O atelier Pitágoras Arquitectos, surge na época em que o mediatismo dos arquitetos do starsystem se fez notar de modo especulativo e tantas vezes acrítico. Os promotores queriam trabalhar com arquitetos que garantissem encher as páginas de revistas e jornais. Como disse Bernardo Rodrigues, com ironia

pós-moderna: "Press is More"! Em Portugal, à nossa escala, a palavra "arquiteto" (a par com a palavra "designer") ganhava uma nova dimensão; popularizava-se e o sentido de uma "arquitetura de autor", mais do que nunca, parecia proporcionar um valor acrescentado à encomenda.

Mas este é também um momento em que o próprio sentido de "arquitetura de autor" está paradoxalmente em mutação centrando-se, agora, uma maior atenção no mediatismo do sujeito do que na própria obra. Em teoria, já desde os anos setenta, que se falava de uma "morte do autor", mas também a morte de tudo, como dizia Eduardo Prado Coelho: "na sequência de uma série de crimes que deram origem a um famoso tom apocalíptico: a morte de Deus, claro está, a morte da arte, morte do sujeito, morte do homem, morte do romance, morte do cinema, morte do autor e assim por adiante, com a euforia de um serial killer" (Público, 28.02.98). Ora o que se passou na arquitetura é que a exagerada atenção dedicada ao arquiteto-estrela, parece ter, paradoxalmente, desvinculado a obra do seu autor e isto parece explicar-se de um modo simples: maior mediatismo, maior encomenda, maior compromisso, maior trabalho de equipa, maior necessariamente partilha de responsabilidade e de autoria. Levado ao extremo alguns arquitetos (como Jean Nouvel, por exemplo) optaram por construir sociedades empresariais em que o seu nome ganha uma importância de "marca", mas que é virtual no que respeita à autoria da infinidade dos produtos (não só arquitetónicos) que desenham. Foi neste contexto especulativo e mediático que um outdoor com a fotografia de Philip Johnson, que um promotor imobiliário escolheu para promover o seu edifício do Checkpoint Charlie em Berlim, é sequestrado e mais tarde pedido um resgate, por alunos de arquitetura, que dão como prova do rapto a orelha cortada da imagem do arquiteto enviada ao promotor numa caixa de sapatos (ironia pós-moderna!). Apesar de reconhecida internacionalmente, a arquitetura portuguesa, premiada com dois Prémio Pritzker no espaço de vinte

“ O atelier Pitágoras Arquitectos inicia a sua atividade num período extremamente estimulante para a arquitetura portuguesa, onde o impulso económico motivado pelo crescimento da União Europeia e o debate disciplinar, grandemente mediatizado, possibilitam e expressam a procura de novos e diferentes modos de pensar e fazer arquitetura. ”

“ The Pitágoras practice began its activity during an extremely stimulating period of Portuguese architecture, when the economic impulse driven by the growth of the European Union and the greatly mediated disciplinary debate, facilitated and expressed the search for new and different ways of thinking and doing architecture. ”

The waiting room of the Pitágoras Arquitectos practice has a framed poster of the Barcelona Pavilion by Mies van der Rohe, whilst in the meeting room is an image of Castelvecchio by Carlo Scarpa. The conversation is informal and we also talked of Aldo Rossi. All with due respect and reserve.

The Pitágoras Arquitectos practice in Guimarães currently has four partners-directors: Fernando Seara de Sá (ESBAP, 1984), Raul Roque Figueiredo (ESAP, 1989), Alexandre Coelho Lima (FAUP, 1991) and Manuel Luís Vilhena Roque (FAUP, 1994), who all studied during the period of the international recognition of the so-called Porto School (Siza received the Mies Van der Rohe Award in 1988 and the Pritzker Prize in 1992). The Pitágoras practice began its activity during an extremely stimulating period of Portuguese architecture, when the economic impulse driven by the growth of the European Union and the greatly mediated disciplinary debate, facilitated and expressed the search for new and different ways of thinking and doing architecture. As architects trained in Porto, they would not have welcomed post-modernism in its more formal meaning (so strongly linked in Portugal to Tomás Taveira), but neither could they ignore the structure of a somewhat relativist thinking that above all legitimised experimentation, diversity or even contradiction. We all were and are post-modern and only this can explain why it was precisely Álvaro Siza who brought Frank Gehry to FAUP for a conference that left many (who are more Catholic than the Pope) perplexed.

The Pitágoras Arquitectos practice appeared at a time when the mediatization of the architects of the star system made itself felt in a speculative and sometimes a-critical way. Developers wished to work with architects who would fill pages in magazines and newspapers. As Bernardo Rodrigues said with post-modern irony: “Press is more”! In Portugal, on our scale the word “architect” (and the word “designer”) acquired a new dimension; it was popularised and the meaning of “signature architecture” more than ever seemed to add value to the commission.

But it was also a time when the very meaning of “signature architecture” is paradoxically in mutation and now focuses on greater attention on the media quality of the subject than on the work itself. In theory, from the 1970s one already talked of the “death of the author”, but also the death of everything, as Eduardo Prado Coelho put it: “following a series of crimes that gave rise to a famous apocalyptic tone: the death of God, naturally, the death of art, the death of the subject, the death of man, the death of the novel, the death of the cinema, the death of the author, and so on, with the euphoria of a serial killer” (Público, 28.02.98). Now, what happened in architecture is that the excessive attention paid to the star architect appears paradoxically to have set free the work of its author and this seems to be quite simply explained: greater media quality, greater commissions, greater commitments, greater team work, and necessarily a greater share of responsibility and authorship. Taking this to extremes some architects (such as Jean Nouvel, for instance) decided to build corporate companies in which their name acquires the importance of a “brand”, but which is virtual as regards the authorship of the endless products (architectural or otherwise) they design. It was in this speculative and media-rich context that an outdoor panel with the photograph of Philip Johnson, chosen by a real estate developer to promote his building at Checkpoint Charlie in Berlin, was kidnapped; a ransom request was later made by students of architecture who, as proof of the kidnapping, sent the ear of the architect cut out of the picture in a shoebox (post-modern irony!).

Although acknowledged internationally Portuguese architecture, which has received two Pritzker Prizes in the space of twenty years, has always been sceptical regarding the growth of practices that queried centring the production in the architect-author. Álvaro Siza, Souto de Moura, Gonçalo Byrne or Carrilho da Graça never shared the name of their practice with anyone, nor sought abstract designations such as OMA, MVRDV, UNstudio... Only recently have pro-

“ Quando o atelier Pitágoras Arquitectos iniciou a sua atividade em Guimarães, há cerca de vinte e dois anos, Fernando Seara de Sá, explica que tiveram em primeiro lugar de conquistar um território que era tradicionalmente atribuído a desenhadores ou engenheiros. Nas suas palavras, começaram por “fazer concorrência aos engenheiros”, tentando convencer promotores e empreiteiros da mais-valia do projeto de arquitetura ser assinado por arquitetos. ”

anos, foi quase sempre cética em relação a um crescimento dos ateliers que questionasse a centralidade da produção no arquiteto-autor. Álvaro Siza, Souto de Moura, Gonçalo Byrne ou Carrilho da Graça, nunca partilharam o nome do seu atelier com ninguém, nem sequer procuram designações abstratas como (OMA, MVRDV, UNstudio, ...). A partilha da autoria de projetos com outros só tem acontecido mais recentemente ainda assim com um caráter pontual. Mas se esta centralidade no arquiteto-autor foi até há pouco tempo um modelo de excelência e garantia de coerência no desenho da “colher à cidade” não deixará de ser também um modelo de exceção relevando uma resistência pouco aconselhável à atual complexidade que regula a encomenda (ou ausência dela), sempre apressada e condicionadora do projeto de arquitetura. Como costuma denunciar Siza, hoje, não há mais tempo para a “profissão poética”. E não parece haver também mais dinheiro para comprar esse tempo.

Quando o atelier Pitágoras Arquitectos iniciou a sua atividade em Guimarães, há cerca de vinte e dois anos, Fernando Seara de Sá, explica que tiveram em primeiro lugar de conquistar um território que era tradicionalmente atribuído a desenhadores ou engenheiros. Nas suas palavras, começaram por “fazer concorrência aos engenheiros”, tentando convencer promotores e empreiteiros da mais-valia do projeto de arquitetura ser assinado por arquitetos. Estávamos ainda a uns bons anos da revogação do decreto-lei n.º 73/73 que só aconteceria em 2009 (ironicamente, o período pós revogação foi tão atacado por nova legislação que só veio a dar mais predominância às engenharias no projeto, mas essa é outra história). Por outro lado, os Pitágoras Arquitectos sabiam também que não poderiam concorrer com a “arquitetura de autor” essencialmente por um motivo: “não ter, necessariamente, de abrir caminhos novos” o que mais do que modéstia revela uma estratégia consciente das condicionantes decorrentes dos orçamentos inerente à maior parte da sua encomenda. Claro que, hoje, o

mérito e reconhecimento do atelier permite-se a outra ambição mas ficou uma metodologia no pensar do projeto que acaba por ser transversal a tudo o que fazem e, como fazem questão de dizer, “aceitam fazer tudo” independentemente dos orçamentos ou escala, sendo até maior desafio o fazer com pouco.

Os princípios que regem essa metodologia dão prioridade aos compromissos assumidos com o cliente no que refere ao cumprimento de prazos e orçamentos. Os programas são questionados tendo em consideração a eficiência funcional na sua articulação com uma economia estrutural e o cumprimento cada vez mais exigente e severo da legislação em vigor, essencialmente no que refere à segurança. Como defendem: “A procura da simplicidade é permanente. O estímulo é a clareza e a integração de realidades complexas e muitas vezes dissonantes em princípios e estruturas que respondam eficazmente às diferentes situações colocadas em cada projeto. Para nós a ‘complexidade’ é o oposto da ‘complicação’”. O resultado são quase sempre plantas com uma geometria simples, ortogonal, modulada, e uma clarificação hierárquica dos espaços de circulação e acessibilidades.

Do ponto de vista dos sistemas construtivos, o atelier Pitágoras Arquitectos, tem privilegiado desde há uns anos para cá a construção seca, pelas vantagens que demonstra quer em termos de competitividade económica quer em termos de tempo de construção. Esta opção tem levado o atelier Pitágoras Arquitectos a explorar novos materiais, essencialmente revestimentos, que de origem industrial, possibilitem inovar na imagem do edifício. E se é verdade que no passado esta experimentação de novos materiais já deu problemas (no caso do Multiusos de Guimarães o revestimento de parte do alçado foi removido por degradação precoce do material) não deixará de ser menos verdade que não se inova sem alguma coisa arriscar e como afirmam: “falhar também faz parte do processo”. Mas a experiência, como sabemos, vai sedimentando o conhecimento e a partir do caso do Multiusos passou a haver uma

jects had shared authorship and even then only on occasion. Whilst this centrality of the architect-author was until recently a model of excellence and the guarantee of coherence in designing everything, from a spoon to the city, it has also been a model of exception overlooking an ill-advised resistance to the current complexity governing the commission (or absence thereof), always hasty and affecting the architecture project. As Siza often complains, today there is no longer time for the "poetical profession". Nor does there appear to be any more money to buy that time.

When the Pitágoras Arquitectos practice began its activity in Guimarães about twenty-two years ago, Fernando Seara de Sá explains that they first had to conquer a territory that was traditionally attributed to designers or engineers. As he put it, they began by "competing with engineers", trying to convince developers and building contractors of the added-value of the architecture project being signed by architects. This was still a good many years before Executive Act nº 73/73 was repealed, which actually occurred in 2009 (ironically, the post-repeal period was hit so hard by new legislation that it attached even more importance to the engineering side in a project, but that is a different story). On the other hand Pitágoras Arquitectos knew that it could not compete with "signature architecture" for one key reason: "it did not necessarily have to open new routes", which, more than modesty, reveals a strategy that is fully aware of the conditioning factors due to budgets that govern most of their commissions. Today, of course, the practice's merit and recognition lead to another ambition, but it has kept a methodology in thinking the project that cuts across everything it does and, as the architects make a point of saying, "they will accept anything" regardless of the budgets or the scale, the less money the greater the challenge.

The principles that govern that methodology give priority to the commitments made to the client regarding fulfilment of time limits and budgets. The programmes are queried taking into consideration their functional efficiency in articulation with a structural

economy and the increasingly exigent and strict compliance with the legislation in force, particularly as regards safety. As they advocate: "The search for simplicity is constant. We are driven by the clarity and the integration of complex and often dissonant realities in principles and structures that effectively respond to the different situations raised in each project. For us 'complexity' is the opposite of 'complication'". The result is nearly always a plan with simple, orthogonal, modulated lines, and a hierarchical clarification of the circulation spaces and accessibilities.

From the point of view of construction systems the Pitágoras Arquitectos practice has privileged dry construction for some years now, given its advantages both in terms of economic competitiveness and in terms of construction times. This option has led the Pitágoras Arquitectos practice to research new materials, mostly industrial revetments, can bring innovation to the image of the building. Whilst it is true that in the past this experiment with new materials caused problems (in the case of the Multiusos de Guimarães the revetment of part of the elevation was removed due to the precocious deterioration of the material) it is no less true that there is no innovation without risk and as they said: "to fail is also part of the process". As we know, experience helps sediment knowledge and since the Multiusos case there has been greater caution when using new products launched on the market but also more awareness of a greater obligation: "our production is marked not so much by the use of new materials but rather by the different (non-conventional) manner in which we use and work these materials. This is due not to the search for that fact in itself but to our understanding of unexplored potentialities and vocations in many ordinary materials used in each project, in each distinct reality and in the expression intended. We often talk of rehabilitating materials that have been stigmatized by inappropriate use".

In terms of the process the Pitágoras Arquitectos practice also seeks a certain systematisation to ensure the economy of the project and at the same time guarantee the quality of the work. However, as

“When the Pitágoras Arquitectos practice began its activity in Guimarães about twenty-two years ago, Fernando Seara de Sá explains that they first had to conquer a territory that was traditionally attributed to designers or engineers. As he put it, they began by “competing with engineers”, trying to convince developers and building contractors of the added-value of the architecture project being signed by architects. ”

prudência maior relativamente à utilização de produtos novos lançados no mercado, mas também a consciência de um dever maior: "na nossa produção destaca-se, não tanto o uso de novos materiais, mas sim o modo diferente (não convencional) como utilizamos e trabalhamos os materiais. Isso advém, não de uma procura desse facto em si mesmo, mas de perceber potencialidades e vocações por explorar em inúmeros materiais correntes, ao serviço de cada projeto, de cada realidade distinta e de uma expressão pretendida. Muitas vezes estamos a falar de reabilitar materiais estigmatizados por um uso desajustado".

Em termos de processo, o atelier Pitágoras Arquitectos, procura também uma certa sistematização que garanta economia do projeto e, simultaneamente, uma garantia da qualidade da obra. No entanto, e como alertam, "cada caso é um caso" e a sistematização, apesar de bem-vinda, não poderá pôr em causa a especificidade e exigência de cada projeto. E se há projetos que têm que ter um detalhe específico, sofisticado, há também outros que é como se não tivessem detalhe algum, no sentido mais artesanal da construção. Mais recentemente o atelier Pitágoras Arquitectos lançou-se no projeto de uma casa de construção modular denominada por House+. Este projeto, permite a partir da associação de módulos, abranger as tipologias do T0 ao T4. Depois de adjudicada a compra, é suposto decorrer vinte dias para que o projeto saia da fábrica e mais uma semana para que seja montado no terreno. É uma casa sem um lugar ou contexto específico, a pensar no mercado de exportação para países das economias emergentes. O pragmatismo que o atelier Pitágoras Arquitectos assume no cumprimento da encomenda e a atenção que dedicam à construção justifica, de certo modo, as formas aparentemente simples da sua arquitetura mas esta simplicidade é também, seguramente, o "resultado de um aturado trabalho de síntese, muitas vezes suportado por uma grande complexidade estrutural e construtiva". O paralelismo com uma certa tendência minimalista poderá ser evocado essencialmente no que respeita à relação contrastada

entre a aparência formal simples e a sofisticação e exigência do detalhe ou estrutura que lhe assiste.

Há também a preocupação para que a imagem dos seus edifícios não seja demasiado austera ou meramente resultante das questões práticas e funcionais. Jogos de interseção ou fragmentação de volumes contribuem para uma maior complexidade mas também o investimento que fazem nos alçados dos edifícios (nos seus materiais de revestimento) acaba por fazer diferença e evidenciar uma estratégia que já faz parte da identidade do atelier. Poderíamos quase falar do alçado como uma pele, ou como um tecido, perseguindo uma metáfora que enfatiza o contexto específico da origem do atelier: Guimarães e o Vale-do-Ave, centro da indústria têxtil. Não se trata apenas do modo como são trabalhadas as texturas dos edifícios a partir da exploração de diferentes materiais, trata-se também do modo como diferentes superfícies se relacionam entre si, complexificando a leitura do edifício, por vezes simulando ou camuflando os vãos, extravasando a relação direta entre interior e exterior. É mais do que uma pele, porque a pele não deixará de omitir os seu orifícios, é um vestido, de corte tantas vezes sedutor, mais por aquilo que omite do que por aquilo que expõe. Um vestido que quase sempre contrasta com um interior, por regra mais sóbrio, mais perene ao uso quotidiano, à sua livre apropriação. E depois há também uma espécie de protocolo que se aplica aos edifícios procurando a sua identidade específica, por vezes mais discreta e contida, por vezes mais iconográfica ou simbólica, por vezes despudorada e transparente, hierarquizando deste modo a visibilidade do programa (público ou privado) na sua relação com o contexto. E há ainda o uso da cor associado às texturas, um uso destemido da cor, talvez uma herança de Aldo Rossi que surgiu na conversa tão inesperadamente.

Há poucos ateliers como os Pitágoras Arquitectos a ousar experimentar sistemas de fachada com a variedade de materiais, texturas, ou cor assumindo o alçado um sentido de "interface" para lá de questões meramente técnicas ou decorativas.

“Na nossa produção destaca-se, não tanto o uso de novos materiais, mas sim o modo diferente (não convencional) como utilizamos e trabalhamos os materiais. Isso advém, não de uma procura desse facto em si mesmo, mas de perceber potencialidades e vocações por explorar em inúmeros materiais correntes, ao serviço de cada projeto, de cada realidade distinta e de uma expressão pretendida. Muitas vezes estamos a falar de reabilitar materiais estigmatizados por um uso desajustado”.

“ Our production is marked not so much by the use of new materials but rather by the different (non-conventional) manner in which we use and work these materials. This is due not to the search for that fact in itself but to our understanding of unexplored potentialities and vocations in many ordinary materials used in each project, in each distinct reality and in the expression intended. We often talk of rehabilitating materials that have been stigmatized by inappropriate use. ”

they point out, “each case is different” and although welcome, systematisation cannot endanger the specificity and exigency of each project. Whilst some projects must have a specific, sophisticated detail, there are others that appear to have no detail at all, in the more artisanal meaning of the construction. Quite recently, the Pitágoras Arquitectos practice embarked on a project to build a modular construction it called House+. By linking modules, this project provides one-bed to four-bedroom houses. Once the purchase is complete, the module leaves the factory in about twenty days and then a further week is required for assembly on site. This house has no specific place or context, but considers the market of exports to emerging countries.

The pragmatic attitude of the Pitágoras Arquitectos practice when fulfilling a commission and the attention it pays to construction, to a certain extent justifies the apparently simple forms of its architecture. However, that simplicity is also undoubtedly the “result of hardworking work often supported on major structural and constructive complexity”. The parallel with a certain minimalist trend can be evoked essentially as regards the contrasting relation between the simple formal appearance and the sophistication and exigency of the inherent detail or structure.

Care is also taken to ensure that the image of the buildings is not too austere or merely the result of practical and functional matters. The plays of intersection or fragmentation of volumes contribute to greater complexity but the investment the practice makes in the building elevations (in their revetment materials) ends by making a difference and highlighting a strategy that is already part of the practice's identity.

We could almost speak of the elevation as a skin or a fabric, pursuing a metaphor that emphasises the specific context of the origin of the practice: Guimarães and Vale-do-Ave, the centre of the textile industry. It is not merely a question of how the building textures are worked using different materials, but also the way that different sur-

faces relate to each other, complexifying the reading of the building, sometimes simulating or camouflaging the spans, extending the direct relation between inside and outside. It is more than a skin for even skin will show its orifices, it is a dress, so often with a seductive cut, owing more to what it conceals than to what it reveals. A dress that almost always contrasts with an interior that is generally more sober, more perennial for daily use, for its free appropriation. Of course, there is also a sort of protocol that applies to buildings, seeking their specific identity, at times more discreet and contained, at times more iconographic or symbolic, at other times brazen and transparent, hierarchising in this way the visibility of the (public or private) programme in its relation with the context. There is also the use of colour associated to the textures, a fearless use of colour, possibly a legacy of Aldo Rossi who appeared so unexpectedly in the conversation.

There are few practices such as Pitágoras Arquitectos daring to experiment on façade systems with this variety of materials, textures or colours, and where the elevation acts as an “interface”, beyond merely technical or decorative issues. Consequently, in the vast number of works built over the last years, it is difficult to distinguish a formal guideline, a unique image of the work as a whole (we speak of appearance not essence). Until the 80s “signature architecture” was imposed by a formal continuity that easily enabled us to identify a building by Aldo Rossi, Giorgio Grassi, Mario Botta, Peter Eisenman or even Álvaro Siza (despite his acknowledged capacity for contextualisation). “Authorship” was something recognised in the whole of the work as if subjugating the importance and specificity of the commission for the benefit of the architect himself. Today, brands such as Herzog & de Meuron or OMA are difficult to identify by their work or in a search for formal continuity, in fact they even strive to ensure a certain discontinuity, seeking indeed to compete, surprising us with each gesture they make and yet somewhat paradoxically, the form as discourse appears to

“ Poderíamos quase falar do alçado como uma pele, ou como um tecido, perseguindo uma metáfora que enfatiza o contexto específico da origem do atelier: Guimarães e o Vale-do-Ave, centro da indústria têxtil. ”

“ E há ainda o uso da cor associado às texturas, um uso destemido da cor, talvez uma herança de Aldo Rossi que surgiu na conversa tão inesperadamente. ”

“ O atelier com ambições profissionais, centrado numa única pessoa, parece ter chegado ao fim, ou quase. ”

Consequentemente, no vasto conjunto de obras edificadas ao longo dos últimos anos, torna-se difícil distinguir uma linha formal condutora, uma imagem única do conjunto da obra (falamos da aparência, e não da essência). Até aos anos oitenta a “arquitetura de autor” impunha-se por uma continuidade formal que nos permitiria facilmente identificar um edifício de Aldo Rossi, Giorgio Grassi, Mario Botta, Peter Eisenman, ou mesmo de Álvaro Siza (e isto apesar da sua reconhecida capacidade de contextualização). A “autoria” era algo que se reconhecia no conjunto de obra como que subjugando a importância e especificidade da encomenda em benefício da imagem do próprio arquiteto. Hoje, “marcas” como Herzog & de Meuron ou os OMA são difíceis de identificar a partir da obra ou na procura de uma continuidade formal, na realidade até se esforçam por garantir uma certa descontinuidade, procurando competir, surpreendendo a cada gesto que praticam e, no entanto, algo paradoxalmente, a forma enquanto discurso parece ter sido arredada da arquitetura contemporânea. Como já foi defendido, esta é também uma consequência do modo como são constituídos hoje estes escritórios, com múltiplos sócios e arquitetos projetistas, com múltiplos autores que garantem por si só uma diversidade na resposta à encomenda. O atelier com ambições profissionais, centrado numa única pessoa, parece ter

chegado ao fim, ou quase. É o próprio Eduardo Souto de Moura que se assume como resquício de um modelo de atelier ainda privilegiado por uma cultura do arquiteto-autor, representante de um mercado muito específico, mas dificilmente generalizável. Não por é acaso que as novas gerações já se afirmam como “coletivos”, procurando uma sinergia em tempos de vacas magras.

Na sua devida escala, o atelier Pitágoras Arquitectos, não deixará de refletir a presença de quatro sócios-gerentes que terão, seguramente, visões próprias que se expressam também na diversidade da obra do atelier. Sabemos que há projetos mais e menos participados entre a gerência, há projetos que apenas implicam um projetista, e há projetos que implicam todos. Há a relação personalizada com o cliente e, simultaneamente, a garantia que nada seja feito sem a legitimação de todos. Num tempo em que a encomenda é escassa e diversificada, a associação e o trabalho de equipa, será por certo uma estratégia de sobrevivência mas, mais do que tudo, uma estratégia baseada numa oferta plural, alargada, que elege como prioridade os interesses do cliente e não o aparente egocentrismo de uma “arquitetura de autor”.

Retomando o livro de Roland Barthes “A Morte do Autor” (1968) depressa concluímos que quem terá de escrever a narrativa da arquitetura não são os arquitetos mas quem a habita.

Pedro Bandeira (FAUP, 1996)

É arquiteto e professor auxiliar na Escola de Arquitetura da Universidade do Minho. É também autor de diversos artigos e publicações salientando-se o mais recente livro “Eduardo Souto de Moura: Atlas de Parede, Imagens de Método” (Dafne Editora/Lars Müller Publishers)



“ We could almost speak of the elevation as a skin or a fabric, pursuing a metaphor that emphasises the specific context of the origin of the practice: Guimarães and Vale-do-Ave, the centre of the textile industry. ”

“ There is also the use of colour associated to the textures, a fearless use of colour, possibly a legacy of Aldo Rossi who appeared so unexpectedly in the conversation. ”

“ A practice with professional ambitions centred only on one person seems to have reached an end, or almost. ”

have been removed from contemporary architecture. As already advocated, this is also a consequence of the way in which these practices are set up today, with many partners and architects, with many authors who alone guarantee diversity in their response to the commission. A practice with professional ambitions centred only on one person seems to have reached an end, or almost. It is Eduardo Souto de Moura himself who stands as the last resort of the model of a practice that is still privileged by the culture of architect-author, representing a very specific market but hard to generalise. It is not by chance that the new generations call themselves “collectives”, seeking synergy in lean times.

At its own scale the Pitágoras Arquitectos practice will always reflect the presence of its four partners-directors who no doubt have their own views, also expressed in the diversity of the studio's output. We know that in some projects the management participates to a greater or lesser degree, but there are projects that involve only one designer and projects that involve them all. There is the personalised relationship with the client and also the guarantee that nothing is done without everyone's agreement. At a time when commissions are few and diversified, association and teamwork are certainly a survival strategy but, above all, a strategy based on a

plural, extended offer, which considers that the priority lies in the interests of the client and not in the apparent egocentricity of “signature architecture”.

Going back to Roland Barthes's book “Death of the Author” (1968) we soon conclude that it is not architects who must write the narrative of architecture but those who live it.

---

Pedro Bandeira (FAUP, 1996)

Is an architect and assistant professor at the Architecture School of Minho University. He has written various articles and publications, his most recent work being “Eduardo Souto de Moura: Atlas de Parede, Imagens de Método” (Dafne Editora/Lars Müller Publishers).